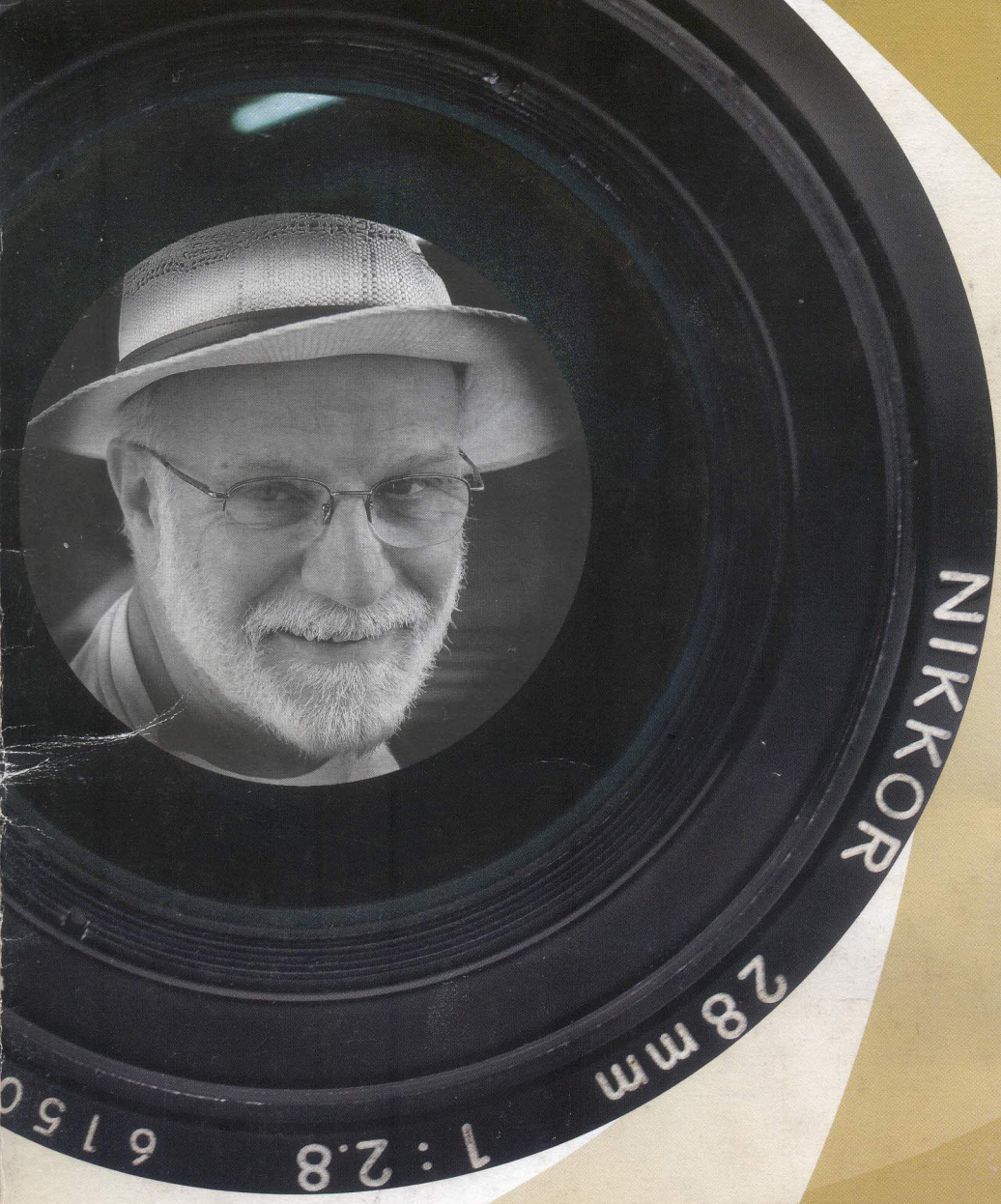
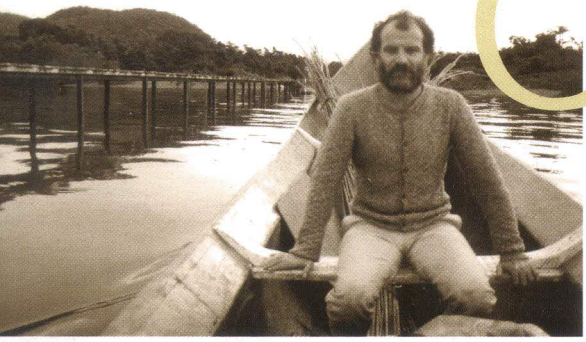


Obra & Vida
Macaxeira

Hall da Secretaria de Estado da Cultura
4.dezembro.2015 a 14.fevereiro.2016



Carlos Roberto Zanello de Aguiar soa solene, mas para quem o conheceu de perto diz mais sobre o coração, um humor fino e direto, um peculiar sentido de independência e convicção, e uns olhos que sempre traziam algo de curiosidade e afeto.

Esta exposição comemora e homenageia o Macaxeira, fotógrafo de olhar fino e preciso que, como nenhum outro, soube ver e interpretar as pessoas e as coisas ligadas à nossa história e cultura.

Quem o acompanhou pela vida, mesmo que a distância, sabe que sua trajetória nesse mundo de luzes e sombras, de cortes precisos, de madrugadas lapeanas plenas de cor, ou brumosas noites curitibanas, foi muito além de suas fotografias e da personagem que a crônica local por vezes registrou.

No começo, dos meados dos anos 1950 para frente, ele era o Carlinhos, menino de guarda-pó branco, que estudava no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e ia e voltava a pé para a casa – ali na Avenida Getúlio Vargas, logo abaixo da 24 de Maio, onde moravam os Zanello, perto da Igreja do Imaculado Coração de Maria.

Jogava bola todos os dias na praça Ouvidor Pardinho – era um piazinho pequeno de drible rápido e esperto, que às vezes saía salameando todo mundo campo afora até o gol –, caçava sabiá, roubava pera no quintal do Dr. Monastier, e explorava um território delimitado mais ou menos pela Engenheiros Rebouças e a Silva Jardim, pelo Estádio Joaquim Américo e a Fábrica da Brahma.

Era o tempo do cinema, nos sábados à noite na Fábrica de Viaturas e no domingo à tarde no cinema dos padres (onde batíamos os pés para a sessão começar e prendíamos bombinhas em guimbas acesas para interromper a sessão com explosões), dos campeonatos de bola no seminário dos padres claretianos, dos quais só se podia participar indo à missa de domingo e entrando para as cruzadas.

Depois, já na década de 1960, ele era o Zanello, pois junto com quase uma dezena de meninos da vizinhança, passou num dificílimo exame de admissão para o Colégio Militar, e este era o seu nome de guerra.

No colégio era um bom e valente companheiro, não se mixava para ninguém, mesmo sendo de porte pequeno, já mostrava um traço que seria sua marca a vida inteira: tinha opinião própria e não se curvava com facilidade às imposições características daquele meio. Resistia sempre, mas o fazia com humor.

Nesse tempo foi por vezes o herói dos mais novos, especialmente depois do histórico jogo de futebol de salão, entre a primeira e a segunda Companhias, em que a meninada enfrentou o time dos mais antigos no colégio, jogando de goleiro fechou o gol. Um time histórico que, além do Zanello, contava com o Passos, o Juarez e o Cezinha. Num lugar muito marcado pelo poder da força e pela imposição, foi o nosso Davi, que submeteu os Golias que já cursavam o científico.

O Carlinhos, o Zanello, lá pelos anos 1970, fez uma incursão pelo curso de Economia que, de fato, nada tinha a ver com ele; também se meteu numa histórica e comemorada viagem para a Bahia, no melhor estilo pouco dinheiro e muita carona da época – e, de lá, voltou o Macaxeira.

O Macaxeira fotógrafo da nossa cultura, boêmio de muitas comemorações, peladeiro dos sábados, estudioso da História da Arte e amigo das coisas do litoral, foi se construindo daí para frente.

Foi fotógrafo da Secretaria de Estado da Cultura por uma era. Cioso de sua função de servidor público, dava prioridade e se interessava de fato por fotografar as nossas manifestações culturais – não gostava de fotografar solenidades e políticos. Como tinha um peculiar senso de independência, resistia com humor, como mostram algumas fotografias que tirou quando obrigado a atuar como repórter.

Nesse período foi construindo um apurado e precioso olhar sobre os signos da cultura paranaense. Interessou-se pelo litoral, fotografou o fandango, seus personagens, lugares, instrumentos e artesãos, documentou, exaustivamente, por décadas os bens tombados que compõem o Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná.

Fazia esse trabalho com incrível dedicação e minúcia, levantando de madrugada para garantir a melhor luz, planejando com cuidado suas viagens. Tinha que ser tudo do seu modo, não havia com ele espaço para improvisação. Não adiantava dizer "olha, Maca, vai lá e tira umas fotos". Com ele não funcionava assim, ele escolhia o dia e o momento, e, se não fosse assim, não era.

Aliás, era assim em tudo, preservava seu modo de ser, não obedecia convenções em todas as instâncias de sua vida e pagava o preço disso. Já nos últimos anos, corajoso e autônomo, soube dar as costas a todo um conjunto de hábitos, para começar de novo e explorar novos caminhos.

Tinha um apreço peculiar pela fotografia, e jamais cedeu à tecnologia digital. Fotografava com filmes, muito em preto e branco, e fazia, pessoalmente, na maioria das vezes, o trabalho de laboratório. Sua arte era produto de um olhar e cuidadoso trabalho. Também era ele que cuidava e mantinha o acervo que produziu sobre o patrimônio cultural – sabia tudo e sempre tinha a fotografia adequada para atender à necessidade do pesquisador que a ele recorria.

Seu trabalho o aproximou do fandango e do litoral, comprou uma casinha de pescador no Superagui, onde se refugiava com frequência. Com seu modo simples e despojado de ser tornou-se parte da comunidade e foi durante muito tempo uma espécie de promotor das artes populares daquela região aqui em Curitiba. Tinha sempre com ele entalhes, esculturas em madeira, rabecas e outras peças de artistas do litoral que procurava divulgar e mostrar a todos que conhecia.

Talvez nenhum artista destes tempos tenha desenvolvido um olhar tão especial como o do Macaxeira sobre o nosso patrimônio edificado. Para os técnicos da área era, e ainda é, um surpreendente deleite observar os ângulos, os detalhes, os cortes com que via nossos prédios mais queridos, como o Teatro Guaíra, o Palácio Iguaçu e os casarios da Lapa, de Paranaguá, de Antonina e muitos outros monumentos paranaenses.

Com esta exposição vocês poderão ver o que é nosso com os olhos do Macaxeira, quiçá ele não esteja por aí, com seu chapéu panamá e seu sorriso mordaz, nos olhando com afeto e recordando sua divertida, complexa e sensível, porém única e muito sua, passagem por esse mundo de cores, formas e luzes.

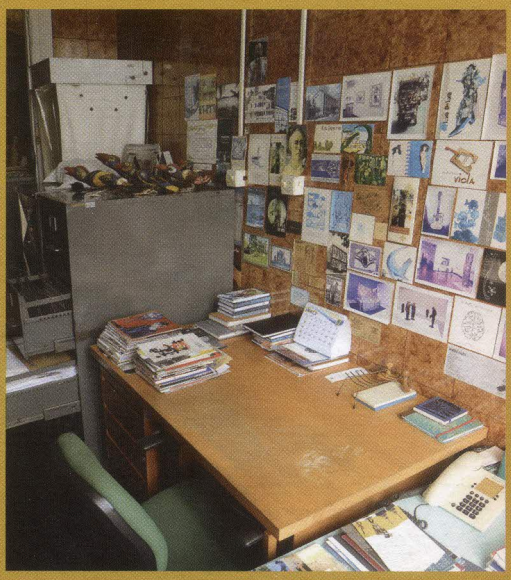
CELSO GOMES CARNEIRO | Conselheiro do Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico.

foto | Kraw Penas

Publicações da SEEC com fotos do Macaxeira.

N

"Nenhum povo é dono do seu destino se, antes, não é dono de sua cultura". A frase, do poeta José Martí, abre o livro **Fandango do Paraná: Olhares**, do artista Carlos Roberto Zanello de Aguiar, o Macaxeira. Um artista sem igual, paranaense apaixonado pela sua terra e pelo seu povo.



Sala do Fotógrafo Macaxeira na SEEC

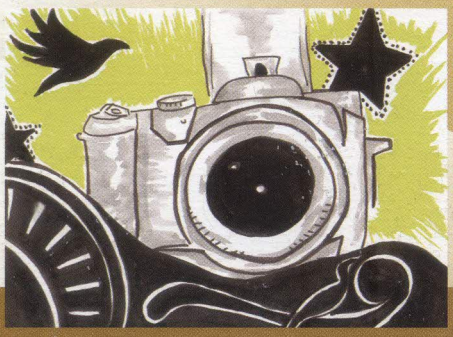
A partir de 1980, ele passou a integrar o cotidiano da Secretaria de Estado da Cultura. E, por meio da instituição, Macaxeira fortaleceu o contato com os costumes e tradições do litoral paranaense – registro marcante de sua obra. Ao fotografar a arte caiçara e o fandango deu visibilidade a essa cultura tão rica e tão própria da nossa terra.

Superagui, Guaraqueçaba, Paranaguá, Morretes e Antonina foram retratadas pela sua lente. Violas, rabecas, adufos, tamancos, o artesanato, as paisagens, os pescadores e a arte popular feita na região nortearam o trabalho e a vida do curitibano Macaxeira.

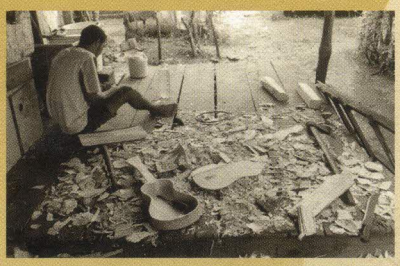
Sua obra é um importante registro histórico que retrata não só a riqueza cultural regional, mas também a sensibilidade de um povo. Obra que fica agora à disposição para ser contemplada por admiradores da fotografia, da arte paranaense, dos amigos que ele tanto fez por onde passou.

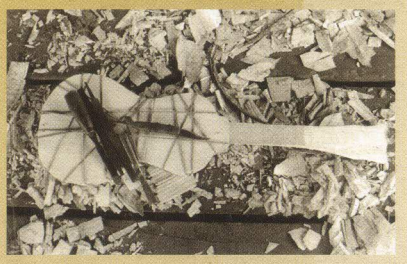
Macaxeira continua presente no cotidiano da secretaria, sendo lembrado a cada instante. Essa exposição é uma singela homenagem que nós, da SEEC, em nome do povo do Paraná, fazemos a esse importante e ilustre paranaense.

JOÃO LUIZ FIANI | Secretário de Estado da Cultura



Fazem parte desta exposição os trabalhos em homenagem ao Macaxeira realizados pelos alunos do CJAP no 2º semestre de 2015.





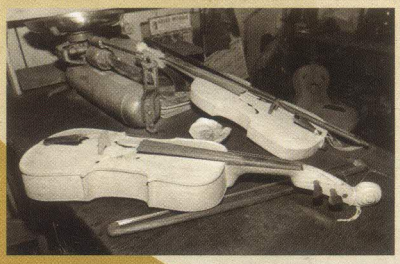


foto | Macaxeira

Beto Richa | Governador do Estado do Paraná

João Luiz Fiani | Secretário de Estado da Cultura

Jader Alves | Diretor-Geral

Renato Carneiro Junior | Coordenador do Sistema Estadual de Museus

Lenora Pedroso | Diretora do Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Rosina Coeli Alice Parchen | Coordenadora do Patrimônio Cultural

Débora Maria Russo | Diretora do Centro Juvenil de Artes Plásticas

Alisson Diniz | Coordenador de Comunicação

Rita Solieri Brandt | Coordenadora de Desenho Gráfico

Organização | Regina Iorio

Curadoria | Lenora Pedroso | Rosina Coeli Alice Parchen | Aimoré Índio do Brasil Arantes

Montagem | Willian de Almeida Batista

Design Gráfico | Adriana Salmazo Zavadniak

Revisão | Marjure Kosugi

Agradecimentos | Núcleo de Professores de Artes Visuais do CJAP

Autores dos textos que compõem a exposição

Família de Carlos R. Zanello de Aguiar (Macaxeira)

PARANÁ
SECRETARIA DA CULTURA